MAXIMIANO LEMOS

O "Auto dos Fisicos,, de Gil Vicente

COMENTARIO MEDICO

PÔRTO

Tip. a vapor da "Enciclopedia Portuguesa"
47, Rua Candido dos Reis, 49
1921

O MUNDO
DO LIVRO
11 - L. da Trindade - 13
Telef. 36 99 51
Lisboa

X02233

O "Auto dos Fisicos„ de Gil Vicente

MAXIMIANO LEMOS

O "Auto dos Fisicos,, de Gil Vicente

COMENTARIO MEDICO

PÔRTO

Tip. a vapor da "Enciclopedia Portuguesa"
47, Rua Candido dos Reis, 49
1921

VICENTE, Gil [c.1470-1536]

THEATRE and MEDICINE:

16 cent.

WELLCOME LIBRARY INSTITUTE

323526

WELLCOME LIBRARY

Pam (H)

LEM/08

O "AUTO DOS FISICOS,, DE GIL VICENTE

Comentario medico

(Á Ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos).

O *Auto dos Fisicos*, uma das farças mais engraçadas de Gil Vicente, diz o sr. dr. Teofilo Braga que encerra uma página vivissima da historia da medicina em Portugal no seculo XVI. (1).

Assim é e por isso nos interessa principalmente, não desconhecendo o valor intrinseco do autor que tanto mais avulta quanto mais estudado é.

Sempre os poetas chasquearam da medicina e não nos deve surpreender que quem tanto investiu com os ridiculos da época tambem não poupasse os medicos do paço, alguns dos quais possivelmente assistiriam aos serões manuelinos. Porque está hoje provado que todos os profissionais que figuram no *Auto dos Fisicos* tiveram uma existencia real e os gracejos que o criador do teatro português lhes dirige não eram dos mais duros de suportar, sobretudo comparando-os

com os que dirige aos representantes de outras profissões.

Não póde restar duvida de que os *Fisicos* saíram pela primeira vez numa daquelas folhas volantes que constituiram a primeira fórma de divulgação das obras de Gil Vicente. Infelizmente, não se conhece (ou não conhecemos nós) qualquer exemplar avulso, e grande numero dos problemas que a farça nos suscita seriam resolvidos com esse felicissimo encontro.

A versão que consultamos foi a da primeira edição da obra completa, ou melhor, a das reproduções que dela se fizeram. A que nos serviu foi a de Hamburgo de 1834, embora tenhamos recorrido com proveito á edição do sr. dr. Mendes dos Remedios. Infelizmente, as edições que possuimos ainda não apresentam um texto definitivo e nem sempre pudémos interpretá-lo com exactidão.

Gil Vicente tem sido recentemente objecto de grande numero de trabalhos de investigação. Entre eles, e sem que esteja em nossa mente depreciar os que não mencionamos, salientamos dois: os do sr. Anselmo Braamcamp Freire ([2]) e da Ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos ([3]) que desde 1912 nos promete uma edição de Gil Vicente que a publicar-se tornará a tarefa de quem carecer de examinar o texto do poeta facil e agradavel. Deles nos socorreremos, quando vier a talho de foice.

Quando se representou o *Auto dos Fisicos?* Diz o sr. dr. Teofilo Braga que por 1519, relacionando o facto com a anedota que o proprio Gil

Vicente narra da vinda a Portugal de um Felipe Guilhem, castelhano, "que se disse que fora boticario em Porto de Santa Maria; o qual era grande logico, e muito eloquente de muita boa pratica, que antre muitos sabedores o folgavam de ouvir; tinha alguma cousa de matematico; disse a El-Rei que lhe queria dar a *Arte de Leste e Oeste* que tinha achada. Para demostra desta Arte fez muitos instrumentos, antre os quaes foi hum astrolabio de tomar o sol a toda a hora...„ Chamaram-se os sabios do reino, principalmente Francisco de Melo, *que sabe sciencia avondo,* e pela boa informação que deram, recebeu o castelhano uma tença de cem mil réis com o habito, e corretagem da casa da India que valia muito.

Chamado á côrte um matematico algarvio, Simão Fernandes, conheceu logo o embuste e antes que o vulgarizasse, Felipe Guilhem fugiu, sendo, por denuncia, preso em Aldeia Gálega. "Tal a alusão que se encontra na farça dos Fisicos.„

Não se afigurou ao sr. Anselmo Braamcamp Freire convincente a atribuição da data e presume que a enscenação dos *Fisicos* se realizou em 1512, sete anos antes. O alicerce da sua conjectura não é muito solido, mas não encontrou outro e aquele em que assenta a do sr. dr. Teofilo Braga é muito mais precario.

A Sr.ª D. Carolina Michaëlis, essa, da argumentação do sr. Braamcamp Freire apenas aceitou, certamente porque só essa data a interessava, que a farça é anterior a 1525, em que faleceu a rainha

D. Leonor e o fisico Mestre Nicolau Coronel que nela toma parte. (5)

Ora, o sr. Braamcamp Freire não trouxe apenas esse elemento novo á resolução do problema. Tomando para ponto de partida este verso posto na bôca do fisico Torres:

Bissexto he anno agora

assenta que a farça foi representada em Lisboa, para o que basta lê-la, e que dos anos bissextos anteriores a 1525 só nos de 1512 e 1516 a côrte estava nesta cidade. Entre os dois anos é que se nos afigura que o sr. Braamcamp Freire não encontrou razões bastantes para preferir a de 1512, o que ele honrada e lealmente confessa. (6)

Já agora digamos de uma assentada o que se nos afigura de mais interessante na historia externa do *Auto dos Fisicos*, antes de entrarmos resolutamente na apreciação do seu contexto. Pelo *Rol dos livros defesos pelo Cardeal Iffante, Inquisidor geral nestes Reynos de Portugal,* Ano de 1551, mencionado pela primeira vez por Brito Aranha no vol. X do *Diccionario Bibliographico,* pag. 387, se sabe que entre as obras condenadas estão sete de Gil Vicente que só foram reconhecidas pela sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Uma delas é o *Auto dos Fisicos* e ácêrca dêste não se apontam as condições em que é proibido, parecendo que a condenação é absoluta. Todavia quatro destas produções aparecem na *Compilação* de 1562.

"Os censores desta deixaram passar a *Farça dos Fisicos*, até com o sub-titulo de *Amores dum Clerigo*, talvez por ser bufonada de franca imoralidade de carnaval.„ (7)

Suprimir-se-iam algumas passagens? Não é provavel, porque o que deixaram passar não ofende apenas o decoro, constitue verdadeira blasfemia, como esta passagem, a mais frisante de todas, aliás:

Moço venga la candela

Moço

Para a missa?

Clerigo

No: cuitado!
Nel infierno diré missa.

Não teriamos geito para censor, reconhecemo-lo.

Entremos no *Auto.*

Um clerigo apaixona-se por uma rapariga a quem manda uma carta por intermedio de um moço, mas ela que ensaboava e espirrava vocifera contra o padre e rasga o papel. O clerigo, ao ser informado do resultado da embaixada, adoece e na sua dôr exclama:

Cubre-se-me el corazon
Y la sangre se me hela.

Até aqui não ha que reparar. Trata-se de erros de fisiologia de todos os tempos de que se ocupou Julio Diniz numa carta publicada no *Jornal do Porto* de dezembro de 1879, mas que tinha sido escrita em 1864. (8) Liberdade poetica: nunca o coração se cobriu nem o sangue se gelou; para isto não dá a fisiologia do tempo subsidio algum.

Continuemos. Acode aos gemidos do clerigo uma sua comadre, Brasia Dias, mas esta é entendida em medicina popular e trava-se entre os dois o seguinte diálogo, a que o moço faz um ou outro comentario:

BRASIA

Que he isto, compadre amigo?

CLERIGO

Es la muerte por mas cierto.

BRASIA

Durmirieis descuberto
E arrefeceo o embigo.

MOÇO

Olhae aquelle concierto!

BRASIA

Não he senão frialdade;
Pondo-lhe hũa telha quente.

CLERIGO

Ay! que es mortal acidente.

BRASIA

Hui, compadre, esforçade
Nunca outrem foi doente?
Tomae ora hum suadouro
De bosta de porco velho
E com unto de coelho
Esfregae o pousadeiro,
E crede-me de conselho.
E se de quebranto fôr
Tomae o incenso bello
E o çumo do marmelo,
E as favas de Guiné
E untae o cotovelo.
Si: e se fôr priorisa
Tomade da guiabelha
Pisada co'o fel d'ovelha

MOÇO

Mas ponde-lhe Blanca Denisa

BRASIA

Zombais de quem no aconselha?
E se for de cadarrão,
Comei caramujos quentes,
Como sahirem ferventes
E mexilhões vos coserão,
Porque são aqui parentes,
E se for caleca passa
Que nasce das bandarrinhas,
Tomae do çumo das vinhas,
E acolá a sopa na brasa,
Então ferver as mézinhas. (9)

Os versos que ficam transcritos reclamam alguns comentarios. Brasia Dias ignora a doença de que sofre o clerigo e entre as hipoteses que figura,

lembra-se que ela dependa da acção do frio, não localmente mas a distancia. Todos sabem que papel o frio desempenhou na etiologia e ainda hoje o seu papel é importante. Na colecção hipocratica já se assinala a sua influencia nociva na tisica, aconselhando-se que o paciente evite o frio e a humidade.

Brasia Dias, atribuindo a doença á acção do frio, não podia deixar de pensar nas afecções catarrais, já entrevistas por Hipocrates, por Celso e por Galeno. Lá vem a possibilidade de ser priorisa=pleuris ou cadarrão=catarrão. O primeiro termo é pela primeira vez incluido na patologia galenica, embora Hipocrates já mencionasse a doença como dôr de costado ou pontada.

Brasia Dias admite igualmente a possibilidade de ser mal de quebranto, a que ha bastantes referencias no *Cancioneiro* de Resende e que constitue uma das mais arreigadas superstições da medicina popular.

Quebranto é, segundo Adolfo Coelho, "doença, desfalecimento do corpo ou mal que, segundo a crendice popular, se comunica pelo olhar de certas pessoas e especialmente dos feiticeiros ás crianças e animais.„

E acrescenta: "em verdade o povo distingue duas especies de quebranto: o que resulta do mau olhado ou mau olho e o que resulta das palavras de elogio, dirigidas principalmente a uma criança, comquanto nem sempre se aplique á segunda a designação de quebranto.„ ([10])

Evidentemente, a passagem de Gil Vicente que

nos motiva estes comentarios emprega quebranto na significação de resultado do mau olhado.

Adolfo Coelho, apesar de entender que quase não são necessarias provas de que a crença no quebranto é velha em Portúgal, aponta algumas alusões que a ela se encontram na literatura.

Vem em primeiro logar um trecho do *Cancioneiro da Vaticana:*

> Fernand' Escalho leixey mal doente
> con olho mao tão coitad' assy
> que non guarrá, cuid'eu, tam mal se sente,
> per quant' o j'eu de don Fernando vi;
> ca lhe vi grand' olho mao aver
> e non cuydo que possa guarecer
> d'est' olho mao, tant' é mal doente ([11])

Segue-se este de uma postura sobre superstições da Camara Municipal de Lisboa de 1385:

> Nem escante olhado. ([12])

Vai buscar ao *Cancioneiro de Resende* estes versos:

> Querey dar-lh' algum conforto
> poys jsto nam vem dolhado
> mas doulharem
> meus olhos quem me tem morto. ([13])

O filão era aqui mais abundante e a exploração mais lucrativa se mais longe fosse levada.

Volvam-se algumas páginas e encontrar-se-á este trecho não menos expressivo:

Seja tam mal assombrado
que dê olho a quem a vyr. ([14])

Adiante deparamos com esta referencia:

Mal olhado
he de vos ver meu gram querer,
& de my, poys que biuer
conssento neste cuydado. ([15])

Tambem Gil Vicente é trazido por Adolfo Coelho a abonar a generalização da crença no mau olhado e no quebranto. Duas passagens são apenas apontadas; mas ha muitas mais. A primeira que encontramos é no celebre *Auto da Mofina Mendes*. Esta explica a seu amo Paio Vaz o destino que tinham levado trinta vitelas das vacas que lhe tinham sido confiadas:

Creio que hi ficaráo dellas
Porque os lobos dezimárão,
E deu olho máo por ellas
Que mui poucas escapárão. ([16])

Segue-se esta do *Auto da Feira*, já citada por Adolfo Coelho:

Pergunta Matheus a Tesaura:

Porem trazeis algum pato?

Responde ela:

E quanto dareis por elle?
Hui! e elle revolve o fato:
Olho mao se metta nelle. ([17])

Na *Comedia de Rubena*, diz esta, quando já em começo de trabalho do parto:

Llámame Genebra acá,
Que te haden buenas hadas.
Que me venga a bendecir
Del quebranto mucho presto. ([18])

E a parteira faz que a benze, recitando este ensalmo contra o quebranto que Adolfo Coelho tambem aproveitou, pelo seu caracter verdadeiramente popular:

Estava Sancta Anna ó pé do loureiro
Veio o Anjo por messageiro.
Vae-te á porta do ouro ([19])
Acharás teu parceiro;
Tira a roca, e abraça-o primeiro.
E naquella hora que Deos verdadeiro
Concebeo Anna em limpo celleiro,
A Sancta Maria rezão o salteiro,
Que já o quebranto cahio nó ribeiro. ([20])

Mas a criada Benita comenta:

Y como ora es quebranto
Que está metido en la madre,
Busquemos el brizo entanto,
E algo para la comadre. ([21])

Na mesma comedia, mas em acto diferente, diz uma beata a Cismena, filha de Rubena:

Dou-vos ao Spirito Sancto,
Meu amor, minha pombinha:
Deus vos guarde de quebranto ([22])

Na *Floresta de enganos* diz uma velha a uma moça:

Esta pelle de tóninha
Olho mao se metta nella. ([23])

Na *Nau de Amores* um preto do Beni solta estas palavras numa algaravia nem sempre facil de entender:

A mi disse a elle: Maria,
Que quebranta foi a meu ([24])

Na *Romagem de agravados* diz Cerro Ventoso a Frei-Narciso:

Assi que pescaste nichel:
Mui mal olhado foi isso. ([25])

No volume III, *quebranto* e mau olhado aparecem frequentemente.

Na *Farça de quem tem farelos* diz uma velha a Aires Rosado que zomba dela:

Má cainça que te coma
Mao quebranto te quebrante. ([26])

No *Velho da Horta* diz uma moça ao protagonista:

Hulos esses namorados?
Desinçada he a terra delles:
Olho mao se metteo nelles ([27])

No *Auto das fadas,* a bruxa Genebra Pereira enumera entre o que tira dos seus sortilegios:

Vem um frade excommungado
Que o benza do quebranto. ([28])

e adiante diz ao diabo:

Mau quebranto te quebrante ([29])

No *Juiz da Beira,* Ana Dias queixa-se ao juiz de um rapaz que achou *emburilhado* com a filha e a certa altura profere estas palavras:

Deixara-a elle mundar:
Que ôlho mao se metta nelle,
E muito do máo pezar. ([30])

E como dela, Ana Dias, se queixa um sapateiro cristão-novo de que lhe desencaminhou a filha usando de alcovitaria, a mesma Ana prorompe:

Olho mao se metta em ti
Cascarrea de judeu! ([31])

Chegamos ao *Auto dos Fisicos* e é esta a ultima farça publicada na edição de Hamburgo.

Finalmente, não repugna a Brasia Dias que a doença do clerigo seja *caleca passa* que nunca seriamos capazes de determinar, se não fosse o concurso do nosso amigo e ilustre investigador dr. Leite de Vasconcelos. *Caleca passa* deve ser *Cóleca passio,* sendo a primeira palavra talvez erro

tipografico, e a segunda alteração propositada ([32]) *Cóleca passio* denuncia tendencias metodistas e possivelmente é reflexo da obra de Celio Aureliano ([33]). Essa doença provinha das bandarrinhas e o sr. Candido de Figueiredo registou no seu *Dicionario* o termo bandurrinhas, colhido na linguagem popular, com a significação de entranhas. ([34])

A cómica terapeutica aconselhada pela comadre do clerigo tambem suscita algumas notas.

Suadoiros e unções eram praticas dos ginásios gregos, embora lá se não empregassem para provocar a sudação nem o funcionamento da pele os processos aconselhados por Brasia.

Dos medicamentos recomendados, o incenso era conhecido desde tempos imemoriaes e Teofrasto já o descreve minuciosamente.

O sumo do marmelo para combater o quebranto é novidade; Dioscorides considera-o estiptico e como tal emprega-o para debelar as inflamações dos olhos, sustar as hemoptises e restringir o fluxo do ventre e do menstruo.

As favas da Guiné supomos que são o que hoje se chama favas do Calabar, um veneno de prova, antes que se lhe aproveitassem as propriedades de contraír a pupila.

A *diabelha* ou *guiabelha (Plantago coronopus* L) tinha sido mencionada por Teofrasto e Dioscórides como eficaz contra as mordeduras de viboras, mas este ultimo atribuia-lhe mais a virtude de combater os fluxos estomacaes.

Aqui, porém, parece que Brasia Dias confundia a diabelha com outras plantas da mesma familia e

até do mesmo genero que eram empregadas contra as doenças do peito, a tanchagem por exemplo.

Vamos agora a substancias de origem animal.

A primeira a que a comadre faz referencia é a bosta de porco velho. Era naturalmente um gracejo contra praticas que vinham de tempos remotos. Dioscórides (Lib. II, cap. LXXII) menciona as aplicações dos excrementos de muitos animais, embora não se refira ao do porco. Mas os do boi, da cabra, da ovelha, do javali, do burro, do cavalo, etc., lá vem indicados. O seu uso era quasi sempre externo, mas uma vez ou outra tambem se empregava internamente. Como exemplo, e muito proximo, temos o do javali que seco e dissolvido em agua ou vinagre, estanca o sangue e mitiga a antiga dôr de costado. Alguns excrementos aplicavam-se em defumadoiros, sobretudo para combater o prolapso uterino. Não vale a pena insistir; apenas de passagem notaremos que este grosseiro empirismo ainda teve mais voga nos seculos XVII e XVIII.

O unto de coelho com que o clerigo devia esfregar o pousadeiro não tinha aplicações especiaes, antes entrava na categoria das gorduras que todas mais ou menos eram empregadas ao tempo. Ha em Dioscórides um capitulo especial ácerca delas em que o farmacologista grego, depois de ter enumerado muitas, diz: "Toda a especie de gordura tem a força de aquentar, abrandar e abrir os poros„ (35), mas ao passo que atribue a algumas delas propriedades maravilhosas, á do coelho não encontra prestimo especial.

O fel dos animais tambem é objecto de um capitulo de Dioscórides, e nesse capitulo encontra-se referencia ao fel da ovelha, em que afirma que é muito menos eficaz do que o do toiro e este misturado com mel é util á esquinencia e sara as feridas do pousadeiro, até as encoirar (36). Tambem curava os ouvidos de que manava materia e juntamente as suas contusões. Laguna nos seus *Comentarios* ainda atribue mais virtudes a este liquido.

Mexilhões e caramujos tambem encontram menção em Dioscórides, embora pareça que se refere antes a caracoes. Amato é que aproxima destes moluscos os caramujos marinhos, apreciados nas ceias. Uns e outros eram agradaveis ao estomago e dificilmente se corrompiam. Tambem eram uteis aos tisicos (37).

Brasia, que um incomodo do ventre obriga a ausentar-se por pouco tempo, volta em breve á scena. Consola e anima o doente, mas anuncia-lhe a vinda de Mestre Filipe, que entra dizendo:

MESTRE FELIPE

Deus vos salve! Quem 'stá aqui?
Ora andar, são paixões.

BRASIA

Sentae-vos nessa cadeira.

MESTRE FELIPE

Sardinha ha na ribeira.
Ora em fim de resões
Todo este mundo he canseira.
Quanto ha que vos sentis?

CLERIGO

Anteayer me comenzó,
Y nunca mas me dejó.

MESTRE FELIPE

Ha muito que não sahistes?

CLERIGO

Ay cuitado que me vó!

MESTRE FELIPE

Hora será bom que tomeis
Cristel d'agua de cevada
Com farelos mesturada
E sabeis que comereis?
Hũa alface esparregada.
Que lhe tendes vós guisado?

BRASIA

Cabeças de alcapetor (58)
Que não come o pecador
Desd'o sabado passado,
E dieta será peor.

CLERIGO

Ay que no sé donde estoy!

BRASIA

E se isto não quizer,
Cuidava de lhe fazer
Apisto de pé de boi,
Pera não enfraquecer;
E hum pouco de manjar branco
De posperna de veado,
E pescoço de bode assado
Assi curei eu João Franco,
E anda são, Deus louvado.

MESTRE FELIPE

Fazei o que vos eu digo,
Qu'essa febre he velhaca
Procede de cardiaca: (39)
Attentais no que vos digo?
Até vêrmos se se apraca,
Faça elle embora as ourinas,
E pola manhã eu virei...
Entendeis? — e vos direi...
Entendeis? — se são sanguinhas
Entendeis? — Então virei.

BRASIA DIAS

E dar-lh'hei eu puro o vinho?

MESTRE FELIPE

Guarde-vos Deus do mal!
Não, senão agua tal...
Entendeis? cosida com rosmaninho
Entendeis? Não façaes al.
Ora ficae-vos embora.
Entendeis? Eu terei cuidado,
E ponde-vos a bom recado.

Sai o fisico e o moço, apesar do receio de ser mal recebido, dispõe-se a levar outro recado a Blanca Denisa. No intervalo, emquanto não se decide, digamos quem era o medico e o que ele sabia.

A bem dizer quem nos esclarece ácerca do medico é o sr. Braamcamp Freire. Mestre Felipe declarou em 1498 que havia muito que aprendera a arte de fisica e fôra examinado em 1495 pelo dr. Mestre Rodrigo de quem recebera carta de li-

cença, mas que desejava ver confirmada essa licença segundo o novo regimento (40), desejo que lhe foi satisfeito em 10 de fevereiro de 1498, sendo morador em Lisboa.

Doze anos depois, por carta de 12 de janeiro de 1510, dada em Almeirim, obteve licença para andar em mula. Já depois de representado o *Auto dos Fisicos*, a admitir-se a cronologia do sr. Braamcamp Freire, quando D. Manuel, por alvará de 29 de outubro de 1513 criou no Estudo geral de Lisboa a cadeira de matematica, foi nela provido Mestre Felipe, então doutor em medicina.

A nomeação foi ratificada por D. João III em 5 de janeiro de 1523. Vivia ainda em 16 de maio de 1541, data de uma carta régia de doação da praia fronteira a uma sua propriedade a Santos-o-Velho, onde construira um caes (41).

Mestre Felipe era lido nos metodistas; pelo menos, a *febre velhaca que procede da cardiaca* não se encontra mencionada em Galeno, embora conhecida muito antes, visto que a paixão cardiaca foi assinalada pela primeira vez por Artemidoro de Sidon, segundo o testemunho de Celio Aureliano que traduziu em latim a obra de Soranus, o mais autorizado dos metodistas (42).

Ligava grande importancia ao exame das urinas, no que demonstrava tendencias arabistas, embora já Galeno tivesse escrito a seu respeito um tratado apreciado.

O exame deste liquido foi por muito tempo de uso corrente entre os medicos. Num manuscrito da Bibliotheca de Evora, em que ha tratados medicos

dos seculos XIII e XIV, ácerca do qual publicou Gabriel Pereira um estudo nos *Documentos para a historia da medicina em Evora*, encontra-se a fl. 194 v. um tratado intitulado *Das urinas e das XX colores dellas*. São dele as seguintes palavras:

"Em na ourina devemos catar XX cousas, primeiramente o circlo e a color e a sustancia e os contentos que som XX e la apollram e la nuser (miser) e a escuma e o podrimento e a grosura e o humor e o sangue e a area e os pelos e la furfulla e as escamas e os atimos e a esprema e a cinza e espensura em cima e em meo e em fundo e em no ypostadi e o esterco e da digestão do estamago asy he o suor e o ypostadi da terceira distinçom em todolos membros.„

Logo a seguir vem: "Este he o conhecimento das ourinas de Arnaldo e de pero pina (43).

No *Cancioneiro de Resende*, mais de uma vez se encontra referencia a este exame, esta entre outras:

> Como ell medico conoce
> Por las aguas la dolencia (44).

No "Dialogo da perfeiçam & partes que sam necessarias ao bom medico, de Jeronimo de Miranda (1562) (45), vê-se que este exame era corrente na pratica dos clinicos: Y ansi acaesce que la urina que el doliente haze, si para hazer la se detiene um poco mas, mostrara diferente señal, que la que a esta sazon señala„ (fl. 15 v.).

Isto é posto na boca do famoso comendador grego Hernan Nuñez, a quem o seu interlocutor

Philiatro responde: "Bien deven luego curar se los que enbian de sus casas las urinas que llegan a la posada del medico corrompidas . . . „

Annos depois, no *Retracto del perfecto medico* de Henrique Jorge Henriques, impresso em Salamanca em 1595, mas que estava concluido em 1582, ainda encontramos vestigios da importancia que se daya á uroscopia.

Falando na importancia que tinha para o bom medico saber prognosticar diz: "Es necedad y desatino muy grande en todo el tiempo querer prognosticar, aunque en el principio le es prohibido por Galeno en el libro *De praesagione ad posthumum,* leemos que perguntando-le Eudemo de sa salud, le respondio que avia menester ver mas señales en la orina para se aver de dezir lo que de su mal le parecia„ (Pag. 198).

A terapeutica que mestre Felipe institue não tem grande interesse. A alface *(Lactuca sativa L)* já era mencionada por Dioscórides e provavelmente conhecida antes; e a cevada *(Hordeum vulgare L.)* originaria da Asia e do norte da Africa, ainda era conhecida havia mais tempo, visto que constituia a base da tisana empregada largamente pelos gregos. O rosmaninho *(Lavandula stoechas, L.)* tambem era empregado desde os gregos e Dioscórides aconselhava-o contra as doenças do peito.

Amato salienta nos seus *Commentarios* que era muito vulgar em toda a peninsula hispanica e em Portugal (46).

O peixe que a comadre tinha preparado para o clerigo, o *alcapetor,* ignoramos durante muito tempo

qual fosse. Recorremos aos nossos naturalistas sem resultado e em desespero de causa consultamos a ex.ma snr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos que a ter de figurar num cortejo como o que Gil Vicente fantasiava nas *Côrtes de Jupiter* mereceria que se lhe aplicassem os versos que dirige á infanta D. Maria: (47)

Madama Dona Maria
Irá sobre Cherubins
N'hũa roupa d'alegria
Por aia Santa Luzia
E por guardas Serafins.

Esta recordação de Santa Luzia acudiu-nos porque bastou a invocação daquela senhora para se fazer no nosso espirito inteira luz. O *alcapetor* é para ela, para quem não ha palavras que possam exprimir a veneração e respeito que todos os portugueses lhe devem, o *capatão.* A sua dedução etimologica bem mereceria ser divulgada, o que do melhor grado fariamos se para isso estivessemos autorizado.

Das viandas que Brasia Dias destinava ao doente uma só merece menção, o veado, que devia ser mais comum que hoje.

Parte o moço a desempenhar a sua incumbencia e mal ele desaparece entra outro fisico, Mestre Fernando.

MESTRE FERNANDO

Oulá, que he isto? que he isto?

BRASIA DIAS

Venhades com Jesus Christo,
Mestre Fernando amigo:
Quem vos chamou pera isto?

MESTRE FERNANDO

Porque! sou de palha eu?

BRASIA

Vós sodes surlugião

MESTRE FERNANDO

Não está ferido?

BRASIA

Não.

MESTRE FERMANDO

Pois que foi?

BRASIA

Mal que lhe deu.

MESTRE FERNANDO

Eu tambem Fisico sam:
Tanto sei ca como lá.
Oulá, que he isto? dormis?

CLERIGO

Ay!

MESTRE FERNANDO

De que vos sentis?
Mostrae esse braço ca.
Isto procede dos rins,
Ou pulso cordis será.
Mijaste no ourinol,
Que vos faça boa prol!

BRASIA

Não.

MESTRE FERNANDO

Pois sem isso quem saberá
Se he da chuva, se do sol?
Dizem os nossos doutores —
Ouvi-lo? ouvis que vos digo? —
Non est bona purgatio, amigo,
Illa qui incipit cum dolores,
Porque traz flema comsigo,
E *illa qui incipit trarantran*
Quia tranlarum est.
Ouvi-lo? De fisico sam eu mestre,
Mais que de surlugião
Em que me chamão sudeste.
Chamão-me vento assomado
Alguns assi... ouvi-lo?
Porque alço o gorgomilo,
E ando assi espetado;
Mas eu rio-me daquilo.
Que tendes pera comer?

BRASIA

Pastel de lebre.

MESTRE FERNANDO

Pera a febre
Julgamos a que tem lebre?
Ora vos faço saber
Què ha de comer cousa leve.
Nem a lebre, nem coelho,
Nem porco, nem cação,
Congro, lamprea, tubarão,
Não coma de meu conselho,
Inda que estivesse bem são.

BRASIA

Ora pois que comerá?

MESTRE FERNANDO

Uns poucos de grãos torrados,
Não sejam muito salgados,
E á manhan eu virei cá.
Ainda que pês ós dados.

Chega o moço com a resposta de Blanca Denisa que em suma lamenta que a doença do clerigo não seja pestenença e emquanto não chega outro fisico, fumemos um cigarro, ainda que isso nos acarrete uma reprimenda do nosso presado medico Tiago de Almeida. E no entretanto comentemos o texto.

Mestre Fernando é-nos conhecido pelos trabalhos de Sousa Viterbo, embora o sr. Anselmo Braamcamp alguma coisa mais lhe tenha acrescentado. Era cristão novo e fisico do marquez de Vila Real, primo de D. Manuel, e possivelmente filho de Mestre Isaque Romeiro e marido de Ana Denis. ([48])

Aprendera muito tempo a fisica e morava em Lisboa. Em 1494 fora examinado pelo dr. Mestre Rodrigo que lhe passara carta de licença, mas em 20 de março de 1498 foi-lhe confirmada pelo dr. Mestre Antonio de Lucena, depois de o ter submetido a novo exame em que se mostrou "ydoneo e pertemcemte pera a dita esciencia e arte de fisyqua.„ ([49]) Pouco dias passados, a 11 de maio,

obteve analoga carta para exercer a cirurgia, passada por Mestre Gil, fisico e cirurgião-mor. (50) D. Manuel deu-lhe as honras de cidadão de Lisboa e dispensou-o das fintas lançadas aos cristãos-novos e da obrigação de aposentadoria. (51)

Era homem abastado e possuia no bairro de Lisboa, onde estivera a judiaria, duas moradas de casas foreiras que pretendia vender para adquirir outras forras e isentas. Tambem obteve licença para o fazer por alvará de 6 de abril do mesmo ano. (52)

Por ultimo, a 17 de Dezembro de 1507, alcançou carta em que é designado por doutor e mestre, em que se lhe concediam os privilegios, liberdades e mercês de que gosavam os fisicos reais. (53) Possivel é que fosse o mesmo que em 1539 foi nomeado cirurgião do Hospital de Todos os Santos. A ser assim, faleceu em 1547. (54)

Mestre Fernando era principalmente ridicularizado por não saber latim, por alegar textos e ainda por jogar:

Ainda què pês ós dados.

Acêrca do primeiro motivo nada podia surpreender porque aos cristãos novos que não sabiam latim era-lhes concedido que possuissem livros hebraicos. Quanto á ridicula afectação com que os fisicos alegavam autoridades, desafiou tambem a pena de João de Barros, pessoa bem mais grave do que Gil Vicente. Haja vista a seguinte passagem da *Ropica pneuma:* "porque tambem

andava pera isso muy autorizado com minha beca de veludo, e par de aneis com suas torquezas pera as quedas da mula: e a qualquer proposito alegava com aphorismos de Ipocras e trezentas de Joam de Mena.„ (55)

Se Mestre Fernando jogava os dados, incorria em penalidades que certamente se não aplicavam; mas se vivesse mais tarde e pudesse ler o *Retrato del perfecto medico* de Henrique Jorge Henriques curar-se-ia desse vicio, a tê-lo, ao vêr que este o não consentia a um medico perfeito: "Las leyes de Portugal ponen ciertas penas a los que jugaren de alguna qualidade a los naypes, o dados, bien se dexa de entender ser esto verdad, porque el que gana esta obligado a restituyr al que perdio lo que le ganó, segun la opinion de Ricardo, y Canonistas, y aun Legistas.„ (56)

Jogo apenas Henriques consentia ao medico o do xadrez, porque não era um jogo de fortuna mas de industria e avivava o engenho e a memoria. Tolerava-lhe, para fazer um pouco de exercicio, o da pelota com pessoas graves, em logar afastado. (57)

Nem sequer Henriques tinha conhecimento de que o seu ilustre professor Tomás Rodrigues da Veiga, de companhia com Martim Gonçalves da Camara e D. Jeronimo de Menezes, Reitor da Universidade, jogava em Coimbra... a laranjinha. (58)

Mestre Fernando não faz diagnostico preciso: apenas aventa que a doença proceda dos rins e seja pulso cordis. Baseia-se na afirmação feita por Brasia de que o doente não urinou; mas aqui se vê

novamente a importancia que ao tempo se dava á uroscopia, visto que ele diz que sem vêr a urina era impossivel determinar se a doença provinha da chuva ou do sol.

Oferecem pouco interesse as prescrições dieteticas que o fisico recomenda. Mestre Fernando reprova nas doenças o uso da lebre, do coelho e do porco e dos peixes não consente o cação, o congro, a lampreia e o tubarão. A unica alimentação que lhe tolera é constituida por grãos torrados com pouco sal.

Galeno, no tratado *De alimentorum facultatibus,* lib. III, reputa a carne de porco um alimento de muita força e as de lebre e coelho de melhor suco, embora crasso, do que a de vaca e ovelha. Um comentador de Avicena, Henrique Jorge Henriques, o do *Perfeito medico,* louva a carne de coelho principalmente no outono (59).

Quanto aos peixes, a maior parte dos citados pertencia á categoria dos que Galeno chama de carne dura e portanto não os consentia tambem.

Admira que Mestre Fernando mandasse alimentar o doente com grãos de bico torrados. O grão de bico *(Cicer arietinŭm,* L.), segundo Galeno, é flatulento, embora provoque a urinação e a fragmentação dos calculos urinarios. (60) Laguna atribue-lhe a propriedade de promover a produção do esperma e portanto a incitação ao acto venereo. (61) Pobre clerigo que não precisava desses incitamentos!

A mestre Fernando segue-se mestre Anrique que entra dizendo:

Hao! quien está acá! Sois vos?
Pues con la ayuda de Dios
Presto os ergueréis de ahi.
Alto, que Dios es con nos.
Cuanto ha que os sentis mal?

CLERIGO

Cuatro dias.

MESTRE ANRIQUE

Á qué hora

Os tomó?

Por la mañana.

MESTRE ANRIQUE

Mi amor me recordara,
Desde entonces hasta ahora
No hubiera quien me llamara
Muéstra-me el pulso acá
Y veremos que tien lebre.
Aguda teneis la fiebre,
Muy recia y intrinsa está;
Pero yo le haré que quiebre.
Salis bien?

CLERIGO

Salgo de seso.

MESTRE ANRIQUE

Esta fiebre es sincopal,
Y la enfermedad tal.
Cura-se con mucho peso —
Habeis mirado? — que es mortal.
Que cuando la cólera adusta...
Habeis mirado? — se enfria,

Buelve se malenconia...
Habeis mirado? y — disgusta
La salud de la sangria.
Habeis mirado? y ansi
Que habemos expriencia
Que no hay ninguna dolencia
Que yo quisiesse para mi
En cargo de mi conciencia.
Que tiene para comer?

BRASIA

Tem ali quátro coelhos
Dous caçapos e dous velhos;
E um chouriço; pera beber
Multo bôs vinhos vermelhos.

MESTRE ANRIQUE

Por Dios! vós... habeis mirado?
Estais donosa, mi parienta,
Es fiebre continua y quenta.
Habeis mirado, y bien mirado?
Errada estais en la cuenta.
Habeis mirado? No coma...
Habeis mirado, señora
Sino passas por aora;
Y buscalde una redoma
Grande, de agua de alcanfora.
Aquesto le procedió
De comer demasiado,
Y es menester purgado
Habeis mirado? — Y digo yo
Que este hombre está opilado.
El tiene fiebre podrida...
Habeis mirado? — efimera; —
Habeis mirado? — de manera
Que para dalle la vida,
Es menester que no muera.

Ois, dueña? Tomará
A' la noche un violado,
Y de mañana — habeis mirado? —
Un cristel, y salirá,
Para el ser aliviado.
Tiene el sol en la cabeza
Del verano que pasó —
Habeis mirado? Pero yo
Antes que su mal mas crieza,
Daré el remedio ó no
Sois vos el que me dizen?
Habeis mirado? esforzad,
Que esas fiebres en verdad,
Que por mas que ellas aticen,
Yo las sacaré de allá.
Mantenga Dios el casamiento
Del Ruybarbo con aquela
Muy preciosa doncella
Caña fistola, que yo sento
Que sereis sano con ella.
Y cocelde unas borrajas,
Y su hierba de caldo caliente, —
Habeis mirado? — que el doliente
No se cura con las pajas.
Habeis mirado, pariente?
Hareis las aguas mañana
Y verné á vervos priado
Dios queriendo: — habeis mirado?
Y hacelde uma tizana,
Y yo terné del cuidado.

Tambem o snr. Anselmo Braamcamp Freire investiu com mestre Anrique e determinou-o.

Mestre Anrique foi em 1482 submetido a exame de cirurgia perante o dr. Mestre Fernando e dele houve carta de licença para exercer esta profissão, mas como o rei determinasse que todos os cirur-

giões examinados confirmassem as suas cartas veiu, desasseis anos depois, solicitar a sua confirmação. Submetido a exame perante mestre Gil, fisico del-rei e cirurgião-mór, foi aprovado e obteve a sua carta em 8 de fevereiro de 1498.

Pouco tempo antes, fôra submetido a outro exame para curar de medicina, perante o fisico-mór Antonio de Lucena que lhe mandou passar carta de fisica em 27 de dezembro de 1497.

Era em 1516 fisico de D. Manuel e nesta qualidade examinara o bacharel Luís Mendes; obteve em 1528 uma tença de oito mil reais de mercê no almoxarifado de Santarem, e já era falecido em 26 de junho de 1532, porque nesta data foi passada uma carta de dois moios de tença, pagos por morte de "mestre Anrique, meu fisico„ a Isabel da Silveira, sua viuva. (62)

Depois de ter tomado o pulso ao doente, o fisico faz o seu diagnostico confundindo uma grande variedade de febres. Gil Vicente propositadamente acumulava uma série de termos tecnicos cuja significação não ignoraria, mas de que tirava efeitos comicos que fariam sorrir principalmente os que os entendessem. A febre do clerigo era aguda, sincopal, contínua e quente, putrida e efemera. Todos estes termos, á excepção de um, se encontram em Galeno, embora alguns se contradigam como efemera e contínua. Mas o tipo que falta em Galeno vai encontrar-se em Avicena; é a febre sincopal. (63) Não se deve extranhar isto mesmo. No *Auto do fisico* de Jeronimo Ribeiro,

os autores que o medico alega são Avicena, Galeno e Hipocrates (64) e no *Cancioneiro* de Resende os arabes são representados por Avicena e Rasis.

A patologia humoral é salientada pelas referencias á fleuma, á cólera adusta, e á *menenconia.*

A doença resultava de excesso de comida que tinha acarretado opilação. Como combatê-la? pelos purgantes e nomeadamente pelo ruibarbo e pela canafistula, um e outra já mencionados pelo regimento de 1497, aquele em trociscos. Aconselhava-lhe ainda um violado, substantivo que desconheciamos, mas não o óleo violado, tambem incluido naquele regimento, embora lhe não saibamos determinar a aplicação. Auxiliava o tratamento o caldo de borragem *(Borrago officinalis,* L.), planta que segundo Laguna tinha a virtude de purgar o humor melancólico, fortificar a virtude vital e alegrar o animo aflito e atribulado. (65)

O que seria a redoma grande de agua de alcanfora e com que fim a mandava buscar mestre Henrique? Ha duas aguas de canfora, uma a solução oficinal neste liquido que as Farmacopeias registam; outra o borneeno, isómero com a essencia de terebintina, mas contendo algum borneol dissolvido que se encontra no *Dryobalanops aromatica,* Gartn. *(Pterygium cristatum,* Correia da Serra), de cuja existencia Garcia da Orta duvidava sem rasão. (66) Devia ser a primeira a que visava Gil Vicente.

E aqui importa lembrar com elogio o nome do celebre Amato Lusitano, que nos seus *Commentarios a Dioscorides* fornece ácerca da canfora algu-

mas noções exactas anos antes de Garcia da Orta, devendo ser interessante averiguar de quem as colhera, o que não pudémos fazer com proveito. Conta ele que os navegadores portugueses a traziam da ilha de Borneo e que deles colheu que era falso que houvesse uma especie de grande alvura que do céu caísse. Deles igualmente obtivera noticia da maneira como se fazia a permuta das mercadorias que os portugueses cambiavam pela canfora. A pequena distancia das náus colocavam estes generos no chão e recolhiam-se a elas: vinham os habitantes de Borneo e avaliavam o seu valor, colocando ao lado a canfora que davam em troca, afastando-se em seguida. Se o mercador português se conformava com o negocio retirava a canfora deixando as mercadorias; se não convinha na troca operava-se uma serie de idas e vindas até que se acordassem. (67)

Terminada esta divagação, julgamos provável que a agua estaria encerrada dentro de uma redoma, para que a canfora se não volatilizasse. Sobre a indicação do seu emprego é que nada podemos dizer; eram tantas as virtudes que se lhe atribuiam que tudo quanto dissessemos seria destituido de base.

Mal se retira mestre Henrique entra o ultimo fisico, mestre Torres, e diz:

> Ora bem Deos vos ajude,
> E vos dê muita saúde.
> Isto não serão amores?
> Hontem quiz vir e nam pude

Topey ali com Mestre Gil
E com Luis Mendez, assi
Que praticamos alli
O Leste e o Oeste e o Brasil
E lá lhe dei razão de mi.
Este mal he já de dias?

CLERIGO

Hoy hay diez que asi estó!

TORRES

A que horas vos tomou?

CLERIGO

Alli a las avemarias,
Y de mañana comenzó.

TORRES

Dez dias de manhan cedo
Estava Saturno em Aries...
Doem-vos as pontas dos pés?

CLERIGO

Ay mezquino, que no puedo
Decir mi mal de que es!

TORRES

Bisexto he anno agora
Em Piscis estava Jupiter,
Saturno ha de desfazer
Quanto natureza melhora:
Bem ha qui que guarecer.
Tambem em Piscis a lũa...
Isso foi em quarta feyra,
Mercurio á hora primeira:
Não vejo causa nenhũa
Pera febre verdadeira.

E tambem deste ajuntamento
Dos planetas desta era...
Nam sey... nam sey... mas per mera
Estrologia... nam sey, eu sento...
Não sey que he, nem que era;
Mas ha de saber quem curar
Os passos que dá hũa estrella
E ha de sangrar por ella
E ha de saber julgar
As aguas nũa panella.
E ha de saber proporções
No pulso se he ternario,
Se altera, se he binario,
E saber quantas lições
Deu Ptolomeo a El Rei Dário.
E quem isto nam souber
Vasse beber disso mesmo:
E Mestre Nicolao quer
A outros curar a esmo!
Ora agora quero ver.
Mostray ca ora, e veremos
Este pulso que nos diz.
Oys! que altera; ora chis,
Que antes que nos casemos
Haverá outro juiz.
Isto procede do baço;
Bem o mostram essas côres
Tendes vós nas costas dores?

Moço

Pardeos, em grande embaraço
Vejo eu estes doutores!

Torres

Que dizes lá, moço? hao!
Falas e nam saes do ninho?

MOÇO

Que levays muy bom caminho:
Está a doença em Bilbao,
Vos his pera Entre Douro e Minho.

TORRES

Que comedes, que, doente?

BRASIA

Que não come nada não.
Hum focinho de cação
Lhe tenho alli bem valente,
Com seu caldinho, que he são.
Hontem lhe tinha guisadas
Hũas trincheiras de vaca,
Que esforção a pessoa fraca,
E duas morcellas assadas
E elle fallou-me em Malaca.

TORRES

Nam coma senam lentilhas,...
Si — ou abobora cosida...
Si; e assi Deos dará vida:
Si, e dem-lhe caldo dervilhas
Si — que esta febre he parida.
Agua cozida lhe dareis
Com avenca... si, entam
Amanham lhe tiraram
Algum sangue... si, entendeis?
Si... entam... si... logo he sam.
Porem a fallar verdade
Segundo seu pulso estaa,
E segundo os dias que ha,
E segundo a viscosidade,
E segundo eu sinto ca,

E segundo estaa o zodiaco
E segundo está retrográdo
Jupiter, confessado
Ha muito, que está muy fraco,
Si... si... si, bem trabalhado. (68)

Vem um padre a quem se confessa o clerigo. Aquelle limita-se a por-lhe a mão, *como diz o evangelho,* e fazei de conta que ficará são. Vai á *horta de amores* donde traz uma ensalada e com ela termina a farça.

Nesta ultima parte da composição, com nada menos de quatro medicos tomamos conhecimento: Mestre Torres, Mestre Gil, Luís Mendes e Mestre Nicolau.

Saibamos primeiro quem era o fisico Torres, ácerca do qual ha algumas noticias nos nossos cronistas, reunidas e ampliadas pelo sr. Braamcamp Freire, e do seu trabalho nos socorremos mais uma vez, mas não será a ultima. Convem todavia notar que já havia a seu respeito bastantes informações nas *Memorias historicas sobre alguns mathematicos portugueses* de Antonio Ribeiro dos Santos. (69)

Mestre Tomás de Torres, castelhano, foi medico e astrologo de D. Manuel "homem mui esperto, assi na astrologia, como em outras sciencias.„ (70). Escolheu-o o rei venturoso para mestre de seu filho D. João e ele ensinou-lhe "algumas coisas faciles de astrologia por ser el-rei muito dado á astrologia judiciaria, mandando-o tirar juizos no partir das naus para a India ou no tempo que as esperava. (71)

Ainda em vida de D. Manuel foi nomeado lente de Astrologia e Matematica na Universidade, de que tomou posse em 19 de outubro de 1521, sucedendo a mestre Felipe, e regeu-a até que aquele estabelecimento foi transferido de Lisboa para Coimbra.„ (72)

Já então estava ao serviço do principe D. João na qualidade de seu fisico, conforme nos é revelado por um mandado de 4 de fevereiro de 1520. (73)

Comprou em 1524 uma tença de 10.000 reais; ainda vivia em 10 de agosto de 1553 em que foi padrinho de uma creança; mas era já falecido em 16 de maio de 1555. (74)

Mestre Torres explica a sua demora por ter topado com Mestre Gil e com Luís Mendes.

São varios os mestres de nome de Gil que se conhecem. O sr. Braamcamp Freire descobriu-nos mais ou menos contemporâneos três. O primeiro teve carta de cirurgião-mór do reino em 25 de outubro de 1448, sucedendo-lhe no cargo, por motivo de falecimento, mestre Fernando, seu filho, por carta de 15 de julho de 1475, confirmada por D. João II em 9 de fevereiro de 1483. Não podia ser este o do *Auto dos fisicos,* se ele foi representado em 1512 e, claro é, se a representação foi mais tarde.

O segundo, que foi colaborador do *Cancioneiro de Resende,* exerceu o cargo de cirurgião-mór do reino desde o fim de 1497 e faleceu em 1511. Tambem não podia ser este o dos *Fisicos.*

O terceiro, e é este o que figura na farça, era doutor e, sendo fisico de D. Manuel, foi nomeado

cirurgião-mor por carta de 2 de dezembro de 1518, sucedendo ao Dr. Diogo de Faria "que se finou„, sendo a nomeação confirmada por D. João III em 8 de setembro de 1524. Isto nos diz o sr. Braamcamp Freire, mas Sousa Viterbo já antes publicara a seu respeito mais completas informações. O que este averiguou de mais importante é que mestre Gil foi lente de medicina da Universidade de Lisboa. Teofilo Braga menciona-o como lente de vespera em 1517; pela carta de 22 de junho de 1537 sabe-se que nesta data era lente de prima e como a Universidade foi transferida para Coimbra foi-lhe por esse motivo ordenado o pagamento de 14.000 reais de tença, pagos ás terças, que poderia receber onde quer que estivesse ainda que não ensinasse. Mestre Gil deve ter falecido em 1554. (75)

O outro individuo que conversava com mestre Torres e mestre Gil era Luis Mendes, mas este seria realmente medico? Notamos que ao passo que os fisicos são designados por mestres, ao nome de Luis Mendes não acolcheta o poeta este titulo. Todavia, o sr. Braamcamp Freire descobriu um medico deste nome. A 25 de junho de 1516, depois de ter sido examinado por um juri de que faziam parte o fisico-mor mestre Afonso, mestre Gil, mestre Diogo e mestre Anrique, todos quatro fisicos de D. Manuel, foi-lhe passada carta que o autorisava a exercer a medicina, e como bem diz o sr. Braamcamp Freire "é interessante ver o examinador, mestre Gil, e o examinando, Luiz Mendes, acamarados na farça e no diploma.„ (76)

Ainda mestre Torres nos fala de outro fisico:

E mestre Nicolau quer
A outros curar a esmo.

Mestre Nicolau, de apelido Coronel, era castelhano e fisico da rainha D. Maria com quem viera de Castela. Recebia em 1523 duas tenças, uma de vinte mil reais, paga no almoxarifado de Santarem e outra de dois moios de trigo nas jugadas da mesma vila, vagando uma e outra pela morte do tencionario em 1525. (77)

No fisico Torres quiz Gil Vicente ridicularizar a crença na astrologia judiciaria, sobretudo nas suas aplicações á medicina:

Mas ha de saber quem curar
Os passos que dá uma estrella
E ha de sangrar por ella.

Era crença pegada e que levou tempo a desaparecer. Não era apenas a sangria, eram os purgantes que se não deviam ministrar em certas conjunções de astros. Em 1580 desenvolveu-se em Espanha uma epidemia catarral e Felipe II, que foi atacado, julgou-se em circunstancias bastante graves para ditar o seu testamento. Atribuiu-se a sua cura a Valles, "grande medico que o restituiu á vida com experiencia perigosa e terrivel na opinião dos seus companheiros, purgando-o em conjunção de lua.„ (78)

No *Dialogo da perfeiçam & partes que são necessarias ao bom medico*, Lisboa 1562, o comen-

dador grego Hernan Nunez diz: "La astrologia me parece les es *(a los medicos)* necessarissima, por la dependencia que nuestros terrenales cuerpos con los celestiales pensaes que obran, y quales efectos el sol, y la luna, y otros planetas, estando en diferentes lugares e en diversos aspectos. Ved lo que hazen las opposiciones, conjunctiones, eclipses del sol y luna. Mirad lo que obran em el ayre, en la mar, en la tierra, en los animales, en las plantas los ortus y occasus de los signos, y de los otros astros.„

Phyliatro, interlocutor de Hernan Nunez, retruca: "Pues he oydo algunos medicos hazer burla desta sciencia.„

Hernan Nunez volve: "Assi la hago yo dellos y de quien se cura com ellos, pues no trabajan para saber la especulacion de la theorica, sino (como hombres ociosos o faltos de ingenio) receptas como balas de mercancia, para ganar de comer. Y aun com todo esto nunca hos vereis contentos, sino quexar se que no ay que hazer.„

Torna Phyliatro: "Un cuento os quiero, señor, contar de um medico sobre cierta question delante de un Principe, dela conjunction o movimiento de la luna: porfiando uno dellos no hazer poco al caso el querer se dar la purga naquel dia, sino despues de la opposition ó conjunction ser mejor y dezir el otro medico, Quitaos dessas niñerias, que los planetas estan en el cielo, e nos otros estamos en la tierra.„

Responde o Comendador grego: "Devia de saber bien aquel vierso de Ovidio, que dize, como

todas las alimañas miren azia la tierra, no tenia el necessidad de mirar al cielo. Que sola la composicion del hombre fue puesta derecha, y el rostro alto, para mirarle, y maravillar se del curso del sol, de la luna, y de los eclypses, y otros astros y planetas, e ciertos movimientos que continuamente consigo traen.„

Phyliatro concorda: "Con razon a esse tal le divieran quitar el cargo de curar.„

O Comendador continua: Mas los ojos, pues que no los puso Dios para invertigarle y conoscerle por las obras de sus manos: que los cielos (como dize David) cuentan las maravillas de Dios, y si un hombre desea luego, entrando en un palacio, saber la orden y fabrica y architectura del, hasta los postreros retretes, porque naturalmente no se deleytara qualquiera genero de hombre de saber la causa deste movimiento del sobir y abaxar del sol, del menguar de las noches, y crecer del dia, que son causa de la geracion y corrupcion del mundo: finalmente desta hermosissima machina del cielo para donde fue criado. ([79])

Mais adiante o Comendador mostra-se convencido do valor da astrologia para o medico: "Pues su mismo Hyppocrates, principe de la medicina, nos dize, no ser pequeña parte la astrologia para la medicina, y que las mudanças de los tiempos, principalmente si provienen de mudança de los planetas, son causa de enfermedades. Como podran entender los libros de Galeno de los dias decretorios? que cuentam desde la hora dela enfermedad hasta el quarto, seteno, onzeno y quatorzeno, sino

por ciertos aspectos sextiles, trinos, y opposiciones, que hace la luna con el punto de la enfermedad, y si le perguntaes las causas da la alteracion, no saben dezir otra, sino que por experiencia ven alterar se naturaleza en aquellos dias, y la causa, segun Ptholomeo, es que naturaleza o la virtud del enfermo vinieron a campo con el mal, y luego en el principio naturaleza fue vencida del mal, y constriñida que no proceda com sus obras naturales adelante en su proporcion, ni tan poco ella viendo se sobresalteada del mal com pocas fuerças no puede resistir, mas esperando socorro del aspecto favorable de la luna, al quarto dia ve si le favorecera en el seteno, porque entonces los humores no son tan fuertes como en el principio: y otras muchas razones que dexo. Y ansi el buen medico sabiendo en que signo o termino estava la luna con el sol, y con los otros planetas, y entendiendo bien la theorica desto, podra com razon natural más cierto saber, si antes del quatorzeno será necessario más o menos evacuacion. Y conosciendo el nacimiento de un Principe e complexion, podra ver si algun eclypse del sol cae en su ascendente, y conosciendo antes por razon natural si será el año seco, o frio, humido o caliente (porde las mudanças destos se engendran las enfermedades) podra antes templando con buen regimiento y mudança de lugar prevenir y evitar alguna enfermedad, o a lo menos mitigar la mayor parte della. Porque el sabio enseñoreara las estrellas, y el buen Astrologo podra evitar mucho mal, como dize Ptholomeo. ([80])

Henrique Jorge Henriques, escrevendo vinte anos depois o seu *Retrato del perfecto medico,* emite ideias muito aproximadas. Este livro é nma série de dialogos entre um teólogo, o doutor Palomares, arcediago de Coria, muito das relações do bispo desta diocese D. Pedro Garcia de Galarça, e o licenceado Enriquez, o proprio autor do livro. No *Dialogo quarto* conversam ácerca da importancia que tem o conhecimento da astrologia para o medico, e o arcediago, a proposito da anatomia, diz o seguinte:

"Siempre oy dezir y me acuerdo aver leydo en algunos Astrologos, que sobre qualquiera dessas partes, que se veen en la Anatomia, avia un planeta que tenia dominio sobre ella, que ha parecido a v. m. desto?„

Responde o Licenciado: "Assi lo dizen los Astrologos, y Ptholomeo pone por maxima que no se haga sangria del miembro que fuere subjecto al signo en que estuviere la Luna, y no solo en este tiempo se prohibe la sangria, sino tambien conforme Rasis en sus Aphorismos, quando la Luna estuviere con aspecto quarto con el Sol, a Saturno, o Marte se deve de prohibir por espacio de doze horas despues, y Hali a Ben Ragel en el libro octavo, cap. 6, affirma "que quando Saturno, y Marte tuvieren opposicion, es muy danoso para hacer sangrias.„

Concorda o Arcediago: "Esso no lo podra entender sino el que fuere Astrologo, y por tanto necessario sera el Medico ser lo para salir perfecto.„

O Licenciado prossegue: "Es tan necessaria la Astrologia, o conoscimiento mediano della al Medico, que affirma nuestro Hyppocrates en el libro *De aspectibus stellarum versus lunam,* que es cosa peligrosa poner-se en manos de medico que no fuere visto, y pompto en la sciencia de las estrellas, lo qual tambien dixo Hermes en su libro, De *speculis et luce,* en estas palabras el Medico que no fuere Astrologo, no podra perfectamente obrar, y cierto con mucha razon, porque grande es la dependencia que tienen estos inferiores con los cuerpos celestiales.„

Começam então os dois a celebrar as vantagens do medico saber astrologia. O Arcediago exclama: "Assi lo dezia Aristoteles en el libro segundo de los Metheauros. Grandes mutaciones vemos que hace la conjunction de la Luna en los cuerpos inferiores de todos los animales, y en la mar el fluxo y refluxo de las olas, pues que hacen las Eclypses del Sol e de la Luna? Tengo para mi que ninguno podra acertar en la cura, y prognosticos de las enfermedades, si no fuera astrologo.„

Diz o Licenciado: "Gracias a Dios que vino v. m. alguno dia a consentir conmigo. Es tan importante la Astrologia al Medico, que Hippaxco ([81]) escrive en el libro, *de vinculo,* ser ella los ojos del Medico. Hippocrates aconseja al Medico que considere el ortu y occaso de las estrellas, de donde se infiere, qual aya sido la opinion de Hippocrates en este caso. Ptholomeo escrive, que el Medico Astrologo guardara a sus enfermos y al pueblo en que residiera de grandes males eminentes. Y el

mismo Ptholomeo en el lugar citado, dize que quando la septima casa y su señor estuvieren infortunados aparta se el Medico del enfermo, porque significa entonces la tal commistion de influencias turbacion en el enfermo, é ignorancia de la enfermedad en el medico. Aristoteles principe de los Peripatheticos, dezia en el libro segundo, *de generatione et corruptione,* que el movimiento del Sol por el signo Zodiaco es causa de las generaciones y corruptiones en estes cuerpos inferiores, y para que vea v. m. si tengo razon de dezir que el Medico deve de ser Astrologo, oya lo que dize Ptholomeo *si quis purgationem sumpserit, luna existente cum Jove, operationis ipsius minuetur effectus.* Y esto tengo por experiencia, que dando se purga estando la Luna con Jupiter, abreviasse la obra, y effecto de la purga, como tengo dicho, lo qual no acaece estando con Cancer, o con Scorpion, o con Piscis, como tenemos por authoridad de Halyaben Ragel en la parte septima, cap. 47.„

Volve o Arcediago: "Holgaria saber, porque causa estando la Luna con Jupiter, no hace su effecto la purga?„

Responde o Licenciado: "La causa es, porque Jupiter es planeta amigo de los hombres, y estando con la Luna en conjunction conforta y augmenta nuestra natura, y la purga y su effecto no es natural al cuerpo, sino attrahe los humores sobrepujando las virtudes naturales, y estando la naturaleza mas fuerte que la Medicina, claro está que prohibira su effecto, porque para operacion de las medicinas laxativas, es necessario que la medicina

atrahente vença y tenga mas fuerça y vehemencia, que los humores que se han de atraher, como es doctrina buena y sabia de Galeno en el libro sexto, *de compositione medicamentorum per genera,* y en el libro quinto de los simples. Este precepto tan util y provechoso no ignoró Rasis en sus Aphorismos.„

Sai-se o Arcediago com esta pergunta de algibeira: "Porque aprovecha tomar las purgas en los signos que ha dicho?„

O Licenciado responde triunfante: "Porque estes signos tienen poca fuerça e no corroboran la naturaleza como hace Jupiter, y ayudan la expulsion, la qual se hace mejor con frialdad y humedad, y que la virtud expulsiva se ayude y corrobore con la humedad.„ ([82])

Henrique Jorge Henriques ainda em mais passagens exalta a importancia da astrologia para o medico, mas os extractos que fizemos chegam de sobra para a ilustração do texto de Gil Vicente.

Razão tinha Teofilo Braga quando escrevia em 1898 ácerca do *Auto dos fisicos* as palavras que transcrevemos no principio destes artigos e não menos a teve Ricardo Jorge quando, numa conferencia feita em 1902 na Sociedade das Sciencias Medicas, afirmou que o criador do nosso teatro conhecia a medicina do seu tempo ([83]).

Como documento, a farça confirma a preponderancia que tinham as doutrinas galenicas, não na sua pureza, mas deformadas e alteradas pelos comentadores arabes e arabistas.

A patogenia tem por base a doutrina dos quatro humores, com quatro qualidades. A enumeração das febres é colhida em Galeno, mas ampliada com tipos descritos pela primeira vez por Celio Aureliano e por Avicena. Importa notar que se a vinda de Pedro Brissot á peninsula, fugido de Paris, e as controversias que manteve com um dos fisicos do rei venturoso se podem considerar como o inicio da restauração hipocratica no Ocidente, a reforma da Universidade de Coimbra que na medicina tão poucos resultados sortiu (84) trouxe a criação de uma cadeira de Avicena, que teve como primeiro professor Antonio Barbosa e se manteve até ao advento do Marquez de Pombal.

A terapeutica consiste na sangria e nos purgantes vegetaes. Nisto a influencia arabica cedia o logar á galenica. Dos gregos vinha tambem a grosseira opoterapia que Gil Vicente documenta.

O poeta ridicularizava e combatia as tendencias astrologicas que tinham os medicos do tempo. Nisto se mostrava superior aos melhores espiritos da epoca. Ao vê-lo zombar do fisico Torres, advinha-se o homem que na crasta do convento de S. Francisco de Santarem havia de proferir alguns anos depois aquele famoso sermão ácerca do terramoto de 1531, em que se insurgiu contra as profecias que o clero punha em circulação e em que vaticinava um novo terramoto que não deixaria em Lisboa pedra sobre pedra como castigo da sua impiedade. Os cristãos novos contra quem era dirigida a perfida investida e que tinham desaparecido puderam sair de suas casas e não se repe-

tiram as scenas deploraveis que no principio do reinado de D. Manuel se tinham dado em Lisboa.

E todavia Gil Vicente não era um precursor do livre pensamento; era um erasmista a quem a corrução do clero irritava e, sinceramente cristão, desejava que o seu credo fosse escrupulosamente servido com desinteresse, zelo e abnegação. E reinava em Portugal D. João III!

Julho-agosto de 1920.

NOTAS

(1) *Gil Vicente e as origens do theatro nacional.*— Porto, 1898, pag. 369.

(2) *Gil Vicente, trovador, mestre da balança,* na *Revista de historia,* de 1917.

(3) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas. Preliminares de uma edição critica das obras de Gil Vicente — I Gil Vicente em Bruxelas ou o jubileu de amor,* Coimbra, 1912; *II A rainha velha e o monologo do vaqueiro,* Coimbra, 1918; *III Romance á morte del rei Dom Manuel e á aclamação de Dom João terceiro.* Coimbra, 1919.

(4) Gil Vicente, *Obras,* edição de Hamburgo, III, pag. 371. T. Braga, op. cit. pag. 366 e 367.

(5) Nota 13 á II das *Notas Vicentinas.*

(6) Op. cit. pag. 134.

(7) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas,* I, pag. 31.

(8) Julio Diniz, *Inéditos e esparsos,* 1910, pag. 160.

(9) *Obras de Gil Vicente,* edição de Hamburgo, 1834, pag. 306 e 307.

(10) *Tradições populares portuguesas — O quebranto* na *Revista de sciencias naturaes e sociaes.* Porto, 1894, n.º 11 e seguintes.

(11) *Cancioneiro da Vaticana,* ed. Monacci, n.º 984 (F. A. Coelho).

(12) Publicada por Joseph Soares da Sylva, *Colleçam de documentos com que se authorisam as Memorias para a vida delrey D. João I.* Lisboa, 1734, doc. 37 (F. A. Coelho).

(13) *Cancioneiro de Resende,* t. I, fl. 129, ed. de Stuttgart (F. A. Coelho). *Cancioneiro geral de Garcia de Resende* — Nova edição preparada pelo dr. A. J. Gonçalves Guimarães, tomo I, Coimbra, 1910, pag. 144.

(14) *Cancioneiro geral,* ed. Gonçalves Guimarães, I, pag. 299.

(15) *Cancioneiro geral,* ed. Gonçalves Guimarães, III, pag. 101.

(16) *Obras de Gil Vicente,* ed. de Hamburgo, I, pag. 114.

(17) Id. pag. 181.

(18) Id. II, pag. 10.

(19) Esta ultima palavra deve estar errada; por outeiro?

(20) *Obras de Gil Vicente,* ed. de Hamburgo, II, pag. 13.

(21) Id., id.

(22) Id., II, pag. 43.

(23) Id., II, pag. 160.

(24) Id., II, pag. 312.

(25) Id., II, pag. 516.

(26) Id., III, pag. 20.

(27) Id., III, pag. 69.

(28) Id., III, pag. 95.

(29) Id., pag. 100.

(30) Id., III, pag. 168.

(31) Id., III, pag. 170.

(32) Certo é que na *Ropica pneuma* de João de Barros, edição do Porto, 1869, encontramos por duas vezes, a pag. 88 e 89, *Colica passe.*

(33) Caelii Aureliani — *De Acutis morbis,* lib. III. Lugduni, apud Guliel. Rovillium, 1569, lib. III, cap. VII, pag. 477.

(34) No Glossario e notas da edição do sr. dr. Mendes dos Remedios vem tambem a mesma significação para *badarrinhas.*

(35) *Pedacio Dioscórides Anazarbei, ácerca de la materia medicinal, y de los venenos mortiferos, traduzido de lingua griega en la vulgar castellana...* por el Doctor Andres de Laguna. — Salamanca, por Mathias Gast, 1566, lib. II, cap. LXVIII, pag. 170.

(36) Dioscórides, ed. cit. lib. II, cap. LXX, pag. 171.

(37) *In Dioscóridis Anazarbei de materia medica libros quinque enarrationes eruditissimæ Doctoris Amati Lusitani.* Venettis MDLII, Lib. II, enarrat. V et IX.

(38) No *Auto dos Fisicos* lê-se *alcupetor,* mas numa passagem das *Côrtes de Jupiter,* a mesma palavra vem escrita *alcapetor* que pelo que em breve se dirá lhe deve ser preferida.

(39) Nas edições de Hamburgo 1834 e na do sr. dr. Mendes dos Remedios está escrito *cordiaca;* mas na transcrição que o sr. Braamcamp Freire faz da edição de 1562 *(Revista de historia,* de 1917, pag. 135) é esta a forma que substitue aquela.

(40) Seria o regimento do fisico mór de 19 de Junho de 1496 que confirmava o de 15 de junho de 1476 passado pelo principe D. João que veiu a ser D. João 2.º

(41) Sr. Anselmo Braamcamp Freire, *Gil Vicente,* na *Re-*

vista de historia, de 1917, pag. 135. O sr. Braamcamp afirma que a criação da cadeira de Matematica foi em 1518, o que não parece exacto.

(42) Caelii Aureliani, *De Acutis morbis,* lib. II, cap. XXXI, pag. 129 da edição de 1569.

(43) Arnaldo deve ser o famoso Arnaldo de Vilanova; Pero Pina não sabemos quem fosse.

(44) *Cancioneiro geral,* ed. Gonçalves Guimarães, I, pag. 111.

(45) O livro não tem designação do auctor; quem lho descobriu foi Ricardo Jorge *(Arquivos de historia da medicina portugueza,* de 1914, pag. 100).

(46) *Dioscóridis,* lib. III enarratio 29, pag. 302 da edição principe.

(47) Sr. Anselmo Braamcamp Freire, *Gil Vicente, trovador, mestre de balança, tragicomedia novamente impressa em a antiga, muy nobre, sempre leal cidade do Porto,* 1919, pag. 389.

(48) Sr. Anselmo Braamcamp Freire, op. cit. na *Revista de Historia,* de 1917, pag. 137.

(49) Sousa Viterbo — *Noticia sobre alguns medicos portuguezes,* 2.ª serie, pag. 57.

(50) Sr. Braamcamp Freire, op. cit., pag. 137.

(51) Sousa Viterbo, op. cit.

(52) Idem, idem.

(53) Sr. Braamcamp Freire, op. cit.

(54) Snr. Alfredo Luiz Lopes — *Contribuições para a historia das sciencias medicas em Portugal* — Lisboa, 1890, pag. 13.

(55) Pag. 87 e 88 da edição do Porto, 1869.

(56) Pag. 252.

(57) Pag. 259.

(58) *Miscelanea*, de Miguel Leitão de Andrade, edição de 1629, fl. 7.

(59) *De regimine cibi ac potus*, pag. 6.

(60) Amati, *Dioscorides*, lib. II, enarratio 98, pag. 227 da edição principe.

(61) Lib. II, cap. XCV, pag. 190 da edição de Salamanca, 1566.

(62) Sr. Anselmo Braamcamp Freire, op. cit., pag. 139. Ao documento já se referira Sousa Viterbo, na *Noticia sobre alguns medicos portuguezes*, 5.ª série, pag. 94.

(63) No *Conon* de Avincena, Fen. I, trat. II (Basilea por Joannes Hervigius) citam-se a *Febris syncopalis humorosa* e a *febris syncopalis minuta subtilis.*

(64) *Auto do fisico*, por Jeronimo Ribeiro, conforme a impressão de 1587 por Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, 1918, pag. 36 e 37.

(65) Op. cit., lib. IV, cap. CXXIX, pag. 455 da edição de Salamanca, 1566.

(66) Garcia de Orta, *Coloquios*, ed. Ficalho I, pag. 162

(67) Lemos, *Amato Lusitano*, pag. 58 — Amati, *Enarrationes in Dioscoridis*, lib. I, en. 81, pag. 80 e 81.

(68) Confrontamos a lição da edição de Hamburgo com a do sr. Braamcamp Freire, na *Revista de historia.*

(69) *Memorias da literatura portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias, t. VIII. Parte I, 1812.

(70) Goes. *Cronica de D. Manuel*, 4.ª parte, cap. LXXXIV.

(71) Francisco de Andrada, *Cronica de D. João III*, e Fr. Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, cit pelo sr. Braamcamp Freire, op. cit. pag. 141.

(72) Leitão Ferreira, cit. por Antonio Ribeiro dos Santos.

(73) Sr. Braamcamp Freire, op. cit.

(74) Idem, idem.

(75) Souza Viterbo — *O Dr. Ambrosio Nunes* in *Arquivos de historia da medicina portugueza,* 2.ª serie, 2.º ano, 1911, pag. 15.

(76) Op. cit. Nota a pag. 139.

(77) Sr. Braamcamp Freire, op. cit., pag. 141.

(78) Cabrera, cit. por Forneron, *Historia de Filipe segundo,* Barcelona, 1884, pag. 287.

(79) Fol. 11 e 11 v.

(80) Fol. 12 e 12 v.

(81) Aliás, Hipparco.

(82) Pag. 214 e 215.

(83) Ricardo Jorge, *Gil Vicente e a medicina* na *Medicina Contemporanea,* de 1902, pag. 206.

(84) Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, *A Universidade em Coimbra. Os primeiros mestres da Faculdade medica,* 1537-1556 nos *Arquivos de historia da medicina portugueza,* vol. V, 1895.

ERRATAS

Pág. 10 — Linha 2 — Onde se lê *a quem a vyr* leia-sse *a quem o vyr*.

Pág. 14 — Linha 6 — Onde se lê *bandurrinhas* leia-se *bandarrinhas*.

PREÇO . . . ~~$60~~